



CÍRCULOS DE CULTURAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LEITURAS FREIREANAS DO CURRÍCULO NO ÂMBITO DO PIBID

Gabriele Figueiredo Chaves¹

Lívia Vitória Nascimento dos Santos Boa Sorte²

Leila Lôbo de Carvalho³

Mayana Abreu Pereira⁴

Elenice de Brito Teixeira Silva⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta análises da pesquisa ação-colaborativa aplicada desenvolvida no âmbito do projeto de Iniciação à Docência. O projeto, fundamentado nos Círculos de Culturas de Paulo Freire, teve início ainda no Programa de Residência Pedagógica em 2022 e foi ampliado por meio do Pibid entre 2024 e 2025, resultando na formulação de uma abordagem teórico-metodológica para a Educação Infantil, que denominamos de Círculos de Culturas da Infância (CRIA). Essa abordagem tem sido desenvolvida em escolas e estudadas em redes municipais baianas, o que evidencia a relevância do Pibid na articulação entre Universidade e Escola, bem como no ensino com pesquisa no campo da formação docente. A partir dessa abordagem, foi elaborado um projeto de leitura e escrita com crianças da Educação Infantil, em andamento em duas turmas de uma escola pública do sertão baiano. A abordagem do CRIA foi reconhecida na Universidade do Estado da Bahia como projeto inovador no âmbito da tecnologia social aplicada a processos de formação docente e práticas educativas contextualizadas com o semiárido. Os projetos desenvolvidos a partir de temas geradores possibilitaram ampliar os saberes da experiência feitos, bem como a apropriação da linguagem escrita como codificação desses saberes. Isso possibilita afirmar que os princípios da Pedagogia de Paulo Freire têm contribuído para a formação de pedagogos e pedagogas no campo da Educação Infantil, por meio de projetos de iniciação à docência, como uma extensão curricular, bem como na construção de outros currículos nas escolas que tensionam a hegemonia dos pacotes prontos e a padronização das experiências das crianças.

Palavras-chave: Paulo Freire, Círculos de Culturas da Infância, Educação Infantil, Tema Gerador, Leitura e Escrita.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação *Campus* XII Guanambi, BA, bolsista do Pibid, gabbyfigueiredo285@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação *Campus* XII Guanambi, BA, bolsista do Pibid, livia14gbi@gmail.com

³ Pedagoga, mestra em Educação, professora de Educação Infantil na rede pública municipal de Guanambi-BA, supervisora do Pibid, leilalobo@edu.guanambi.ba.gov.br

⁴ Pedagoga, mestra em Educação Profissional e Tecnológica, professora de Educação Infantil na rede pública municipal de Guanambi-BA. Supervisora voluntária no projeto Pibid, mayanahorrana@hotmail.com

⁵ Professora orientadora voluntária no projeto Pibid. Doutora em Educação. Universidade do Estado da Bahia, ebtsilva@uneb.br





Este trabalho resulta da pesquisa ação-colaborativa aplicada à processos de inovação social em educação, que tem sido desenvolvida pelo Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no âmbito do Programa de Iniciação à Docência (Pibid). A pesquisa intitulada *Políticas e práticas de Educação Infantil* analisou de que modo os projetos de ensino desenvolvidos no Pibid têm contribuído para a inovação social no campo do currículo da Educação Infantil. A constatação principal do estudo é a de que a integração entre ensino e pesquisa por meio do Pibid possibilitou a construção colaborativa de uma abordagem curricular inspirada na Pedagogia de Paulo Freire (Freire, 2022), que foi sistematizada por uma das autoras desse trabalho no livro *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil* (Silva, 2024). O desenvolvimento dessa abordagem teórico-metodológica, de modo colaborativo entre o grupo de pesquisa, supervisoras e bolsistas do Pibid, teve início ainda no Programa de Residência Pedagógica em 2022⁶ e tem ganhado força com o reconhecimento da dimensão inovadora e original da abordagem pela Agência de Inovação⁷ da UNEB. Neste trabalho, buscamos apresentar os pressupostos fundamentais dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA) e evidenciar como os projetos de ensino desenvolvidos no Pibid na Educação Infantil, têm possibilitado a formulação e o desenvolvimento dessa abordagem no currículo vivenciado por dois grupos de crianças, professoras supervisoras e bolsistas, com foco nas ações com a linguagem escrita.

A pesquisa ação-colaborativa (Pimenta, 2005) aplicada a processos de formação docente que desenvolvemos envolve algumas ações: a) a criação de comunidade de prática pedagógica com professores e professoras de Educação Infantil por meio do Pibid; b) levantamento e problematização de questões sobre currículo e formação docente para a Educação Infantil por meio de metodologia inspirada nos Círculos de Cultura (Freire, 2006); c) encontros formativos na escola e na Universidade a partir de temas geradores dos estudos; d) experimentação pedagógica e vivências de ateliês por meio de projetos de iniciação à docência; e) sistematização e divulgação científica da abordagem pedagógica do CRIA. Tais ações no âmbito da pesquisa têm possibilitado releituras dos pressupostos da Pedagogia de Paulo Freire e suas adequações para o campo do currículo da Educação Infantil, especificamente para o trabalho com temas geradores de experiências com crianças bem

⁶ Para conhecer o processo de construção da abordagem, ler Bonfim e Silva (2024), disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/andedcxii/article/view/21321>, e Silva e Almeida (2024), disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1IR1Xs9kVONzMXyQT1Bg_A9X4ERCHe3h3

⁷ Para ter acesso aos produtos inovadores do projeto, acessar <https://vitrinetecnologica.uneb.br/tecnologia-social/>





pequenas, sobretudo com a linguagem escrita contextualizada com seus saberes e modos de vida, conforme apresentaremos nas seções deste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos que a ação pedagógica na Educação Infantil pressupõe um encontro entre culturas e a necessidade de adultos/as com formação profissional para ampliar as experiências sociais das crianças. Em uma pedagogia que respeita as crianças e suas infâncias, este encontro de culturas precisa levar em conta a dialogicidade e a premissa de que as crianças produzem culturas e, portanto, não estão, simplesmente, consumindo a cultura adulta. Nessa perspectiva, os pressupostos freireanos sobre o Ser social, a Educação e a Sociedade, bem como a curiosidade como princípio da relação eu-mundo (Freire, 2017; 2021; 2022), podem constituir princípios para pensarmos nesses modos de articulação no campo do currículo da Educação Infantil, como já defendemos em outros momentos (Silva e Silva, 2020).

Os círculos de cultura, formulados por Paulo Freire, partem de uma noção de cultura como “toda criação humana” (Freire, 2021, p. 143), de uma concepção de educação como ato dialógico de “alguém sobre alguma coisa”, bem como de uma ideia de pedagogia como comunicação das experiências humanas. Outros trabalhos já indicaram possibilidades de construção de círculos de cultura na pesquisa e práticas pedagógicas com crianças (Marques, 2018; Soares, 2019; Silva; Marques, 2019). Outros autores (De Angelo, 2012, p. 111) já apontaram a necessidade de alternativas curriculares para a Educação Infantil, que sejam capazes de problematizar os conceitos que emergem dos saberes oriundos das práticas e vivências das crianças. Por outro lado, constatamos a necessidade de pensar alternativas curriculares frente às investidas neoliberais na Educação Infantil, por meio da padronização de recursos pedagógicos e conteúdos escolares que suprimem qualquer proposta de articulação com os saberes das crianças, como propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009). Nesse contexto, os pressupostos da Pedagogia de Paulo Freire podem constituir um modo de fazer/pensar a Pedagogia por meio da formação inicial na docência.

Por meio do projeto de iniciação à docência, temos buscado sistematizar ações pedagógicas que pressupõem uma visão popular, humanista e progressista de culturas da infância. Nesse sentido, os Círculos de Culturas da Infância, ou CRIA como temos nomeado, é uma alternativa a projetos pedagógicos que prescrevem conteúdos, sequência de datas





comemorativas e temas definidos desde o início do ano letivo. O CRIA institui um modo de fazer e pensar a ação pedagógica com as crianças que partem de situações existenciais observadas no cotidiano, narram e problematizam essas situações, identificam temas geradores de projetos, propõem contextos de experiência que ampliam os saberes das crianças, em uma abordagem circular.

METODOLOGIA

A pesquisa ação-colaborativa aplicada a processos de formação docente teve início em 2022, com 21 bolsistas do Programa de Residência Pedagógica. Atualmente, a partir da aprovação no Edital Pibid 2024, o projeto conta com 10 bolsistas de ID, 01 professora supervisora bolsista e 02 voluntárias, atuantes em um núcleo de Educação Infantil do município de Guanambi, município localizado no sertão produtivo da Bahia. A observação participante tem acontecido cinco vezes por semana em uma escola municipal de Educação Infantil de médio porte, localizada na cidade. Vale ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 56742422.0.0000.0057 e envolve observação participante nas duas turmas. Isso significa que há consentimento de uso de imagens para fins de produção científica e formação de professores.

Neste trabalho, as análises estão centradas em três projetos pedagógicos desenvolvidos com dois grupos de crianças de dois a três anos de idade. Por meio da apresentação dos projetos que materializam contextos de experiência com foco em linguagem escrita, buscaremos evidenciar o desenvolvimento dos Círculos de Culturas da Infância na Educação Infantil por meio do Pibid e destacar a relevância para a formação docente nos pressupostos da Pedagogia de Paulo Freire.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação pedagógica a partir das dimensões dos Círculos de Cultura da Infância (SILVA, 2024), tem oportunizado bebês e crianças a se expressarem enquanto sujeitos culturalmente e historicamente situados. Nessa abordagem, inspirada nos pressupostos freireanos, consideramos a capacidade desses sujeitos de expressar modos de ser e estar nos diferentes espaços aos quais participam, por meio da problematização de situações sociais e das narrativas do cotidiano vivenciado pelo coletivo na escola. A partir das narrativas construídas por bolsistas e supervisoras, identificamos temas geradores de experiências e





organizamos contextos que articulam saberes e curiosidades das crianças com o patrimônio cultural. Entre 2022 e 2025, foram desenvolvidos projetos com os temas geradores seguintes: *Onde há fumaça, há fogo; O que tem no meu rosto; Qual o gosto do tamarindo; O cavaleiro e os aprendizes; Tartaruga ou jabuti; Muito felizes e bem acolhidos; Pulga: Que bicho é esse; Gafanhoto: Que bicho é esse; O Lobo mau*. Neste trabalho, selecionamos três dos projetos desenvolvidos para análise e apresentação dos pressupostos freireanos na produção de círculos de culturas com as crianças: *O cavaleiro e os aprendizes; Qual o gosto do tamarindo; Gafanhoto: que bicho é esse?*

Os projetos emergiram das interações das crianças, professoras e bolsistas de iniciação à docência com o espaço e as materialidades, evidenciando temas geradores que partem das experiências das crianças. Como exemplo, os temas cavalo, tamarindo e gafanhoto expressam culturas das crianças da turma que vivenciam suas infâncias no campo. O cavalo é considerado elemento da tradição cultural familiar de uma criança da turma; o tamarindo como elemento natural que compõe o quintal da EMEI; já o gafanhoto, enquanto inseto que aparece nos quintais e plantas de muitas casas das crianças, conforme evidencia o fato de muitas crianças trazerem esse inseto para compor a coleção de insetos da turma. Ao acolherem essas situações existenciais, professoras supervisoras e bolsistas ID elaboraram planos de ação pedagógica com a proposição de contextos de experiência para ampliar saberes e curiosidades das crianças sobre os temas.

Para este trabalho, destacamos o lugar das práticas sociais de leitura e escrita nos projetos das turmas, como um modo de representação dos saberes construídos com e a partir das experiências das crianças. Ou seja, defendemos que a leitura de mundo precede a leitura da palavra (Freire, 2008), e, portanto, a linguagem escrita constitui um ato autoral permeado de sentido e significado das experiências sociais das crianças. Partimos da definição de linguagem escrita como “produções que se realizam por meio da escrita e aos resultados do uso social que se faz desse objeto do conhecimento” (Baptista, 2010, p. 2).

No projeto “O cavaleiro e os aprendizes”, a ação pedagógica foi desenvolvida a partir da circularidade proposta pelo CRIA, a saber: nasce de uma **situação social** (Silva, 2024) familiar vivida por uma criança da turma, que tem em seu núcleo familiar, a tradição do cavaleiro como identidade ancestral, ensinada para a criança como um valor. Portanto, nas interações e na brincadeira dessa criança apareciam linguagens verbal, gestual e corporal que revelam como a apropriação do ser cavaleiro impulsionava a brincadeira e a imaginação do menino e olhares de curiosidade das demais crianças da turma. A observação dessa situação fez emergir o cavalo como **tema gerador** (Silva, 2024; Freire, 2008) do projeto da turma.





Quando uma das crianças da turma iniciou uma brincadeira no solário, montada em um pedaço da perna de uma mesa, a professora notou como essa **ação/imagem** (Silva, 2024), mediada pelos artefatos culturais encontrados na EMEI, impulsionava o seu brincar e o interesse de seus colegas em imitar e interpretar a ação de transformar aquele objeto em um cavalo. Esse modo de expressão foi observado pelas professoras e bolsistas ID, que organizaram espaços, tempos e rotinas coletivas, de modo a contemplar propostas de experimentação retroalimentadas pela situação geradora inicial. Para isso, a professora escreveu uma **narrativa do cotidiano** (Silva, 2024) sobre a situação, fez a leitura coletiva com as crianças e o texto escrito passou a ocupar as paredes da sala referência, como um comunicador das vivências da turma. A narrativa evidencia que as crianças nomeiam o animal, relacionam à montaria e sabem gestos e linguagens dessa ação, conforme demonstram na brincadeira com a perna de mesa. Nessa ação de compartilhar a leitura da narrativa do cotidiano, as crianças tiveram a oportunidade de resgatar a memória da experiência vivenciada e evidenciam o interesse por escutar histórias em que elas surgem como protagonistas da ação.

Em cada contexto de experiência, ações e linguagens das crianças indicam as necessidades de ampliação dos saberes sobre o tema gerador. Assim, organizamos diferentes **propostas de experimentação** (Silva, 2024) a partir do tema cavalo. Tais propostas foram iniciadas com uma roda de conversa para identificar saberes do grupo sobre esse animal. Nessa roda, identificamos que as crianças não sabiam como o cavalo nasce, do que se alimenta, como é o seu corpo, entre outras questões. Para ampliação, foi organizada uma visita do cavaleiro, pai da criança, para a apresentação dos artefatos utilizados na montaria do cavalo. Além do cavaleiro, a médica veterinária também foi convidada para um contexto de exploração de conhecimentos científicos, com objetivo de dialogar e aprofundar os saberes sobre o cavalo. A linguagem escrita esteve presente no quadro de hipótese que foi construído com as crianças a partir da questão: *Cavalo: que bicho é esse?* O registro das falas foi utilizado como indicador dos saberes das crianças sobre o cavalo e quais experiências ampliadoras de conhecimento as crianças precisavam vivenciar.

O passeio realizado em uma fazenda, utilizada como laboratório de práticas de estágio do curso de medicina veterinária de uma faculdade na cidade, foi o roteiro de visita fora do ambiente escolar realizado pela turma. A visita foi organizada em parceria com o professor coordenador do curso, que preparou o espaço com oportunidade de tocar, alimentar, observar práticas de cuidados como a limpeza dos dentes, da ferradura, da saúde, de vacinação, de auscultar o coração do animal e de ter suas curiosidades acolhidas e respondidas pelo





veterinário. Após a visita, as crianças já haviam experienciado a representação do cavalo nas mais diferentes linguagens: modelagem com argila, literatura, audiovisual, poema, desenhos de diferentes tipos com diversidade de suportes e riscantes, xilogravura, musicalização com casca de coco simulando o som do galope, confecção de um cavalo de pano, mascote da turma que visitou as casas das crianças, jogos de mesa, experiências corporais, entre outros contextos. Nesses contextos, a linguagem escrita era mobilizada para comunicar os acontecimentos como memória da turma.

As necessidades de novos aprendizados se evidenciaram na fala das crianças, palavras como: arreio, baia, rédea, laçar, ferradura, fazenda, veterinário, começaram a fazer parte do universo vocabular, enquanto brincavam de cavalgar. Assim, iniciamos processos de apropriação da linguagem escrita, considerando a criança como produtora de cultura (Baptista, 2010).

Figura 1: Contexto de escrita da palavra cavalo com suporte de ficha e letras do alfabeto móvel



Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância (2023).

Enquanto as crianças participavam, individualmente, do contexto de escrita da palavra cavalo, elas revelavam as significações que a escrita da palavra provocava: *Na letra do cavalo tem o L de Laura; Olha o A de Arthur aqui; O C é a letra de Carlos; Tem a letra da minha mãe, o V de Vinícius e da minha irmã também.* As relações estabelecidas durante a escrita são de reconhecimento e pertencimento, bem como de ampliação para nomes do núcleo familiar. Ou seja, trata-se de uma escrita que provoca diálogos e associações com a cultura escrita para o que vivenciam além da escola e de leituras do contexto social mais amplo. A utilização da coleção de palavras da turma foi outro instrumento utilizado para apropriação da linguagem escrita. As vivências mais significativas da turma eram transformadas em palavras geradoras, escritas com as crianças e depositadas em uma caixa transparente que ficava acessível a elas. Com essas palavras, era organizado jogo de pareamento e contexto de notação coletivo, conforme pode ser observado nas imagens da figura 2.

Figura 2: Contexto de jogo de pareamento de palavras e notação de palavras geradoras do passeio





Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância (2023).

Outra proposta de experimentação organizada para as crianças foi a partir da literatura Bárbaro, de Renato Moriconi. A qualidade estética, o projeto gráfico e a narrativa visual foram as características principais que justificam a escolha da obra. Depois de repetidos contextos literários com o livro, as crianças sempre verbalizavam suas leituras a cada página. Compilamos essas falas e elaboramos com as crianças a sequenciação das ideias para a narrativa. Assim, por meio da escrita coletiva, criamos a história *O Cavaleiro Guerreiro*, que acrescentou à obra de Renato Moriconi, uma narrativa verbal, conforme figura 3.

Figura 3: Dizendo a sua palavra- criação de história a partir do livro Bárbaro de Renato Moriconi



Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância (2023).

A narrativa produzida pelas crianças indica relações de pertencimento territorial na leitura das imagens que as crianças fizeram. A escolha das palavras cavaleiro e morrão evidenciam, por exemplo, a leitura de mundo de crianças que vivem no sertão baiano. A continuidade e ampliação dessa escrita resultou na transformação em uma peça teatral apresentada para as famílias no final do ano letivo. Além disso, a cavalgada com seus cavalos de pau, realizada nos arredores da escola, foi o evento que marcou a despedida da turma com a etapa creche.



Também na perspectiva do CRIA, em outra turma da mesma EMEI, foi desenvolvido o projeto *Qual o gosto do tamarindo*. Esse projeto emergiu da curiosidade das crianças sobre os elementos ambientais presentes no pátio da EMEI. Durante a brincadeira nesse lugar, as crianças desta turma pediam à professora que arrancasse o tamarindo verde da árvore. A insistência das crianças em experimentar o fruto originou uma série de interações e descobertas, que foram detalhadamente registradas em uma **narrativa do cotidiano**. Essa narrativa evidenciou o **tema gerador** para o projeto, promovendo a exploração cultural e simbólica do tamarindo e destacando o papel da escrita como ferramenta de reflexão e compartilhamento das vivências das crianças. O plano de ação pedagógica elaborado pela professora supervisora e bolsistas foi pensado com contextos de experiência que não se limitavam a explorar a dimensão natural do tamarindo, mas suas conexões culturais e sociais. A leitura e a escrita foram utilizadas para documentar, comunicar e refletir sobre as vivências e descobertas das crianças, como exemplificado pelo registro da narrativa das crianças sobre a experiência culinária na preparação do geladinho (Figura 4). Foram organizados, ainda, contextos de contagem de caroços armazenados, a separação de grãos e a divisão dos frutos, de modo que as crianças participassem do processo de colheita e preparação do fruto em uma receita escolhida.

Figura 4: Participação em contextos de experiência culinária e produção coletiva de texto a partir da experiência



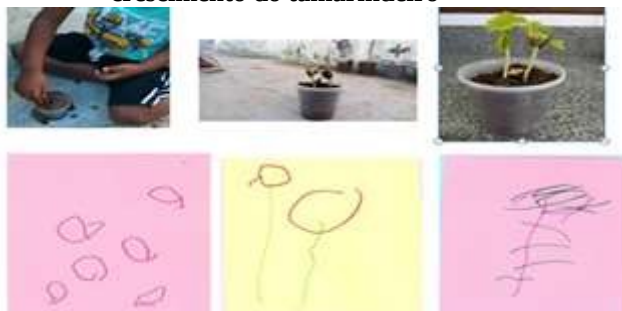
Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância (2023).

A linguagem escrita contextualizada incluiu jogos de tabuleiro com imagens do tamarindeiro, literatura, música e leituras de imagens do ciclo de vida dessa árvore frutífera comum no sertão baiano. Nesse processo, as rodas de conversa desempenharam um papel fundamental, pois foram nelas que surgiram outras questões geradoras, como: *O tamarindo é*



amargo? Como ele amadurece? Ou seja, na roda de conversa, as situações são problematizadas e alimentam o plano de ações pedagógicas, conforme proposto no CRIA (Silva, 2024). Além disso, o projeto incluiu o plantio do tamarindo, permitindo que as crianças acompanhassem o processo de germinação e crescimento da árvore. Esse ciclo de nascimento e desenvolvimento da planta foi integrado a diálogos sobre a natureza e os ciclos da vida. Ou seja, os saberes culturais das crianças sobre aquele fruto que faz suco e que se come foram articulados com saberes científicos sobre a importância de preparação do solo, da água e da luz para a germinação das sementes, bem como dos cuidados necessários ao desenvolvimento da planta. Como parte desse processo, as crianças registraram o desenvolvimento da planta por meio do desenho, como modo de documentar suas observações, ampliando a compreensão do ciclo de vida da árvore e aprofundando a conexão com o tema explorado (Figura 5).

Figura 5: Dizendo os seus por quês - Desenho de uma criança representando o ciclo de crescimento do tamarindeiro



Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância (2023).

Para dar continuidade ao tema e ampliar os **saberes da experiência feita** (Freire, 2022), foi organizada uma visita ao pomar, onde as crianças puderam observar, explorar e sentir diferentes árvores frutíferas e seus frutos, articulando saberes sobre o tamarindeiro com outras espécies presentes.

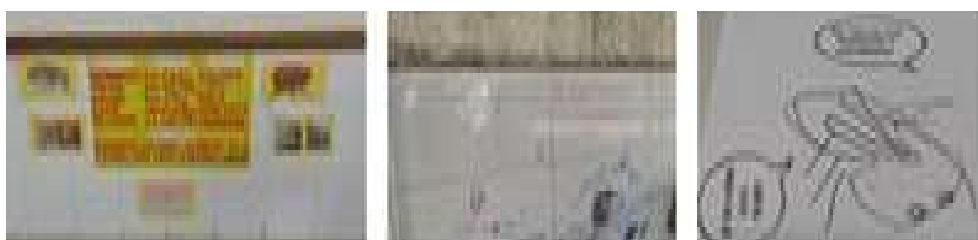
Já o projeto *Gafanhoto: que bicho é esse*, em andamento no âmbito do Pibid, emergiu do olhar investigador das crianças, ao encontrarem um gafanhoto e outros insetos na EMEI. Essa curiosidade foi transformada em tema gerador de contextos de experiência. A professora supervisora e bolsistas ID, propuseram às crianças e suas famílias o desafio de procurar insetos em seus quintais para construírem uma coleção da turma. Com essa colaboração, foram catalogados oito tipos e desenvolvidos diferentes contextos de experiência: conversa com a bióloga, modelagem de gafanhotos, criação de um terrário, acompanhamento e registro das folhas que ele come, instalação sensorial com ciclo de vida do gafanhoto, desenho





narrativo, escrita com diferentes suportes e riscantes. As imagens (Figura 6), evidenciam percursos da turma na apropriação da linguagem escrita no projeto: escrita das percepções das crianças sobre insetos, escrita espontânea e desenho narrativo a partir de imagem do gafanhoto. Nessas imagens, podemos observar que a produção escrita é uma cultura da turma no sentido de registrar acontecimentos e ideias do grupo. Ou seja, as leituras do mundo feitas pelas crianças, aos poucos, são apropriadas e aparecem como linguagem escrita na produção das próprias crianças. Logo, a leitura social e cultural construída pelo coletivo se torna individual, que transforma o coletivo e sua relação com a escrita.

Figura 06: Leituras do mundo e das palavras – produções escritas a partir do tema gafanhoto



Fonte: Acervo de fotografia produzido no âmbito do Programa de Iniciação à Docência em Círculos de Culturas da Infância (2025).

No contexto de escrita espontânea (imagem do meio), identificamos que as crianças traçam formas, letras, marcas e desenhos, com a intencionalidade de escrever a palavra, tantas vezes vistas em contextos anteriores com a linguagem escrita. Isso demonstra que percebem a função social da escrita como representação do que vivenciam. A circularidade de produção da cultura escrita pode ser evidenciada nos projetos. Ou seja, a escrita aparece como cultura nos contextos sociais diversos e, por meio da ação e da experimentação, as crianças percebem e começam a se apropriar da escrita para comunicar ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de iniciação à docência evidenciam modos como o coletivo de estudantes do curso de Pedagogia, professoras e coordenadora de área tem planejado contextos de experiência com foco em linguagem escrita, contextualizados com situações vivenciadas pelas turmas e projetos com temas geradores. Mediante escuta, observação e registro das interações e brincadeira, tem sido possível identificar e narrar as situações existenciais vividas pelas crianças no contexto escolar e pessoal (Silva, 2024). Por meio das narrativas do cotidiano, temos buscado identificar quais os interesses, curiosidades, desejos e necessidades emergem nas ações e nos diálogos das crianças, e assim construir planos de ação pedagógica com foco





na ampliação dos saberes sobre os temas geradores e experiências sociais diversas. Nos projetos, as crianças produzem culturas da infância, expressam e constroem saberes, fazem análises e criam hipóteses sobre as coisas, em um currículo vivo e articulado com a cultura sertaneja e os saberes do patrimônio histórico cultural da humanidade.

Portanto, a formulação e ressignificação do CRIA, por meio do Residência Pedagógica e Pibid, tem possibilitado inovações no campo do currículo da Educação Infantil, incluindo a apropriação da linguagem escrita contextualizada com os saberes e experiências das crianças. Inspirado na pedagogia de Paulo Freire, o CRIA tem fundamentado, ainda os encontros formativos na escola parceira e na Universidade. Ou seja, as supervisoras e bolsistas ID narram os projetos para todo o coletivo, identificam questões geradoras e aprofundam os estudos sobre as questões nos, em uma abordagem circular da produção de conhecimento em pedagogias da infância. Todo o grupo escreve narrativas da docência que mobilizam novos saberes e novas questões para a formação docente, e todo esse processo tem repercutindo nos projetos de estágio no Curso, na reformulação curricular da Rede de ensino e do Curso de Pedagogia, bem como nas ações extensionistas e de pesquisa no campo da Educação Infantil no território.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. C. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. In: I **Seminário Nacional Currículo em Movimento**. Anais, p. 01-12. Belo Horizonte, 2010. Dis http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6. Acesso em: 26 jun. 2025.

BONFIM, Ana Claudia Alves. SILVA, Elenice de Brito Teixeira Silva. Círculos de Culturas da Infância (CRIA): A construção de uma abordagem no Programa de Residência Pedagógica na Educação Infantil. **Anais da XXI Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão**: por uma Universidade pública, diversa e inclusiva. Guanambi, Bahia: UNEB. 2024.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática de liberdade**. 52ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55ª ed - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.





SILVA, E. de B. T. Círculos de culturas da infância (CRIA) como abordagem pedagógica na educação infantil. In: SILVA, E. de B. T.; ALMEIDA, L. M. de S. **Círculos de culturas da infância**: narrativas do cotidiano da educação infantil. São Carlos, SP: Pedro&João, 2024. p.75-94.

SILVA, E. de B. T.; ALMEIDA, L. M. de S. Dimensões da ação pedagógica na educação infantil: implicações para o planejamento e organização de contextos. In: SILVA, E. de B. T.; ALMEIDA, L. M. de S. **Círculos de culturas da infância**: narrativas do cotidiano da educação infantil. São Carlos, SP: Pedro&João, 2024. p.127-138.

